

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Administração
Programa de Pós Graduação em Gestão Social**

Marta Silva Neves

**SISTEMATIZAÇÃO RESIDÊNCIA SOLIDÁRIA
OFICINA DE ALIMENTAÇÃO: JUNTAS SOMOS FORTES**

**Porto Alegre
2006**

Marta Silva Neves

**SISTEMATIZAÇÃO RESIDÊNCIA SOLIDÁRIA
OFICINA DE ALIMENTAÇÃO: JUNTAS SOMOS FORTES**

Trabalho de conclusão de curso de Especialização desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito a obtenção do título de Especialista em Gestão Social.

Orientadora: Prof^ª Elaine Antunes

**Porto Alegre
2006**

APRESENTAÇÃO

No extremo sul de Porto Alegre, no bairro Serraria, existe a Vila dos Sargentos, apresentando número expressivo de mulheres desempregadas, sem ter onde deixar os filhos, para procurar atividade econômica; significativa taxa de subnutrição, acompanhada pelos agentes de saúde; muitos dos companheiros são homens inativos economicamente, o que faz com que vivam do auxílio bolsa família e vale-gás.

Na Vila, localiza-se a Escola Estadual Custódio de Mello, que nos finais de semana, está aberta a comunidade, através do programa Escola Aberta, desenvolvendo várias oficinas tais como: música, capoeira, artesanato, futebol, vôlei, informática, danças, entre outras.

O programa Escola Aberta: educação, cultura, esporte e trabalho para a juventude, é desenvolvido pelo Ministério da Educação, em parceria com a UNESCO, o Ministério do Trabalho e Emprego, o Ministério do Esporte, o Ministério da Cultura, além dos Governos Estaduais e Municipais.

Ao se abrir a escola, nos finais de semana, soma-se a competência dessa e os saberes da comunidade, com a participação de crianças, jovens, diretores, professores, funcionários e pais. Permite-se a esses atores, o acesso a atividades de enriquecimento e desenvolvimento humano e cultural, ao mesmo tempo em que se estabelecem novas relações sociais.

Incluir o projeto Oficina de Alimentação, entre as atividades do Escola Aberta, propõe para a comunidade não só apenas a produção dos alimentos, observando o enriquecimento nutricional, como, também, fortalecer e auxiliar na articulação e integração dos moradores, para geração de renda e qualidade de vida.

A proposta inicial é que a Oficina Alimentação seja realizada dentro da escola, ocorrendo encontros aos sábados e em uma noite a cada semana, sobre princípios de associativismo, durante um ano. Nesse período, poderão ser trabalhados até 10 grupos, de 12 a 20 mulheres, que tenham filhos e que se disponham a multiplicar o aprendizado a outros grupos.

Mas, no desenrolar do projeto, fomos identificando variáveis culturais e comportamentais que nos fizeram rever a proposta inicial, tais como: auto-estima, individualismo, competição, conflitos pessoais ...

Nessa sistematização, compartilhamos a caminhada de aproximação com a comunidade, a construção de uma proposta e seu desdobramento e a articulação das mulheres para geração de renda, estimulando a novas práticas alimentares de enriquecimento nutricional e o fortalecimento do grupo em busca de recursos e melhor qualidade de vida.

SUMÁRIO

1.	SISTEMATIZAÇÃO RESIDÊNCIA SOLIDÁRIA – OFICINA DE ALIMENTAÇÃO : JUNTAS SOMOS FORTES	6
1.1	IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	6
1.1.1	As sistematizadoras	6
1.1.2	Os colaboradores	6
1.2	O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO	6
1.3	A EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA	8
1.3.1	Mecanismos de gestão.....	8
1.3.2	Fase de implementação e desenvolvimento.....	9
1.3.2.1	Diagnóstico e elaboração da da proposta	9
1.3.2.1.1	Objetivos.....	11
1.3.2.1.2	Resultados esperados.....	12
1.3.2.2	Execução.....	12
1.3.2.2.1	Processo de recrutamento das participantes.....	12
1.3.2.2.2	As participantes.....	13
1.3.2.2.3	O nome do projeto.....	14
1.3.2.2.4	A capacitação.....	14
1.3.2.3	Avaliação.....	17
1.3.2.4	Quadro de Metas.....	23
1.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
1.5	RECURSOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS	26
1.6	ARTICULAÇÃO FUNCIONAL E FONTES DE FINANCIAMENTO.....	27
1.7	SITUAÇÃO NORMATIVA E LEGISLAÇÃO PERTINENTE.....	28
2.	ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA.....	29
2.1	Com relação aos resultados.....	29
2.2	Com relação ao modelo proposto e à prática pedagógica.....	32
3.	REFERÊNCIAS.....	38
	ANEXO I – MAPA DA VILA DOS SARGENTOS.....	39
	ANEXO II – DEPOIMENTO SOBRE AS MÃES.....	40

1. SISTEMATIZAÇÃO RESIDÊNCIA SOLIDÁRIA - OFICINA DE ALIMENTAÇÃO: JUNTAS SOMOS FORTES

1.1. Identificação dos integrantes

1.1.1 As sistematizadoras:

Técnicas em Gestão Social:

Ludiana Campos Kempfer – Assistente Social

Marta Silva Neves – Pedagoga, Especialização em Psicomotricidade Relacional e Formação em Dinâmica dos Grupos

1.1.2 Os Colaboradores:

Cooperbom – Cooperativa Mista de Produção de Serviços Bom Samaritano

Escola Estadual Custódio de Mello

Fórum de Economia Solidária

Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

1. 2.CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística, na região metropolitana de Porto Alegre em dezembro de 2004, as taxas de desemprego eram de 14,4%. E a taxa de participação na geração de renda por sexo média anual na região metropolitana de Porto Alegre em 2004 os homens tiveram a participação de 66,8% e as mulheres 49,8% de participação. (Ver site www.fee.rs.gov.br disponível em estatísticas FEE).

Esse baixo poder aquisitivo expõe as famílias ao problema, que também é de natureza social, o da desnutrição. De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no período de julho de 2002 a junho de 2003, com o apoio do Ministério da Saúde, as mulheres mais pobres, em idade fértil, têm maior prevalência de desnutrição e, portanto, podem gerar crianças de baixo peso, com maior risco de morrer no primeiro ano de vida. Esse quadro indica que a desnutrição continua a ser problema no Brasil. Junto a isso, informações de pesquisas anteriores ainda revelam prevalência alta de desnutrição crônica em crianças menores de cinco anos, resultado de exposições freqüentes à fome e às doenças infantis desde o nascimento. (Ver site www.saude.gov.br).

A Vila dos Sargentos faz parte desse quadro, localizando-se no bairro Serraria, na zona sul de Porto Alegre.

Ao fazermos uma retomada histórica dessa região, para melhor compreendê-la, tomamos conhecimento que em 1930, na referida localidade, foi construído o 8º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, sendo uma área pertencente ao Exército. Por estar às margens do Guaíba, pescadores fazem as primeiras habitações.

Na década de 50, militares de alta patente, construíram suas residências próximas ao quartel. Ao longo dessa década, cresceu o número de casas, no assentamento Vila dos Sargentos, ocorridas via embarcações, pelas margens do lago.

A presença militar na entrada do assentamento controla o acesso próximo ao quartel, mas não consegue impedir as invasões via embarcações. A partir de meados de 70, os militares resolveram não intervir na urbanização da área e constroem um muro delimitando a área onde o Exército mantém seu regimento (ver mapa da região no anexo I).

Atualmente, conforme dados obtidos pelo posto de saúde local, a população da Vila é de aproximadamente 6.950 pessoas, sendo 3.550 mulheres, 2.000 homens, 1.000 crianças e 400 idosos. Outros dados, também disponibilizados pelo posto de saúde local, permitem conhecer as condições de vida dessa população: 20% dos homens trabalham na construção civil, 30% dos homens trabalham informalmente e 50% dos homens não geram renda, 50% das mulheres trabalham com faxina, 50% das mulheres não trabalham, vivendo tal como os homens inativos economicamente, do auxílio bolsa família e vale-gás; 12% das crianças em risco nutricional.

Constata-se ainda, que existe dificuldade das mulheres conseguirem trabalhar fora, em virtude de não terem com quem deixar seus filhos.

Na Vila, os moradores encontram espaço na Escola Custódio de Mello, para participação de diversas atividades culturais e sociais. Os projetos desenvolvidos, contam com um grande envolvimento das mulheres, principalmente, nas oficinas, do Programa Escola Aberta, em função de acompanharem os filhos (ver depoimento sobre as mães, no anexo II).

Os moradores estão organizados em 03 associações, sendo que mais uma está em vias de formalização, pois alguns não acreditam que as já existentes atendam suas necessidades, demonstrando assim, a dificuldade de convergirem esforços para conquistas comuns. O único espaço em que conseguem congregar as diferentes lideranças e possibilitar o diálogo entre as associações é a escola.

A Escola conta com os seguintes serviços: serviço de secretaria, orientação escolar, supervisão escolar, serviço de mecanografia, círculo de pais e mestres, conselho escolar e biblioteca. Hoje atende aproximadamente 750 alunos, distribuídas em turmas de Educação Infantil até 6ª série do Ensino Fundamental, contando com 35 professores e 10 funcionários.

O *Programa Escola Aberta: educação, cultura, esporte e trabalho para juventude* é criado em 2004, através da resolução nº 52, de 25/10/2004, está voltado a ampliar o escopo das atividades da escola para promover a melhoria da qualidade da educação no país; a promover maior diálogo, cooperação e participação entre os alunos, pais e equipes de profissionais que atuam nas escolas; a reduzir a violência e a vulnerabilidade socioeconômica.

A Escola Estadual Custódio de Mello, em suas atividades do Escola Aberta, envolve média de 2400 pessoas ao mês, colocando em 2º lugar de participação, em Porto Alegre.

1.3 EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA

1.3.1 Mecanismos de gestão

Desde os primeiros contatos que tivemos com a comunidade, seja com a Direção da escola, lideranças comunitárias, agentes de saúde, percebíamos a expectativa do que iríamos levar para eles, através da pergunta “O que vocês têm para nós?”.

Percebemos que nossa estratégia de ação deveria ser de colaborar, reduzindo essa expectativa de espera por algo, mas de serem auxiliados a se articularem à medida que era oportunizada capacitação.

Pela ação estratégica da escola, em integrar pessoas e associações, subsidiar o desenvolvimento do projeto, envolvemos o Diretor da escola, como representante do projeto na comunidade. Nosso papel, enquanto técnicas em gestão social, foi de assessorar, constantemente, o andamento dos encontros, a busca de informações e novas articulações, sempre consultando o grupo de mulheres envolvidas e a direção da escola, demonstrando que a proposta era de todas e não nossa, isto é, uma experiência participativa e não acomodada e de espera.

1.3.2 Fase de implementação e desenvolvimento

1.3.2.1 Diagnóstico e Elaboração da proposta

Através de um outro projeto em andamento, Projeto Pescar Banrisul, que oportunizava qualificação para alguns jovens moradores da Vila dos Sargentos, em que uma das técnicas de Gestão Social, Marta Silva Neves, atuava, construíram-se vínculos com lideranças locais. Entre as atividades que se oportunizou nessa aproximação, uma foi o fórum de relatos de experiências de sucesso, envolvendo Associações Unidade de Triagem de Resíduos Sólidos Hospital São Pedro, Banrisul Cooperativa de Crédito - Banricoop e Cooperativa Mista de Produção de Serviços Bom Samaritano – Cooperbom.

Neste evento, ocorrido dentro do Centro de Treinamento do Banrisul, além dos 20 jovens do Projeto Pescar, participaram 04 lideranças comunitárias, da Vila dos Sargentos.



Tal participação despertou-lhes interesse em compartilhar com mais pessoas da Vila os relatos, incentivando as pessoas a buscarem outras alternativas econômicas, de forma conjunta, percebendo a importância dos princípios do associativismo e cooperativismo.

Os representantes de cada instituição relatora aceitaram o convite. Então em 21/09, das 19h30min às 21h30min, realizamos o encontro na Escola Estadual Custódio de Mello, com 23 participantes (08 homens e 15 mulheres). O intercâmbio oportunizou conhecer outras experiências, algumas semelhantes à realidade da Vila e outras que provocavam reflexão sobre ações coletivas, características e cooperação para o êxito.



A experiência da produção alimentar, relatada pela Cooperbom, despertou interesse, principalmente nas mulheres, pela identificação com o relato e as possibilidades que percebiam entre elas próprias. O encontro propiciou conhecimento de informações novas, mas também a reflexão sobre a realidade local e as iniciativas que poderiam tomar, garantindo resultado mais imediato.

A partir desse encontro, ficou acordado identificarmos algumas alternativas com que pudéssemos ajudá-los a construir e desenvolver um projeto, envolvendo a Escola, que desde do início acolheu a idéia.

Esses vários momentos de aproximação e identificação das necessidades e desejos da comunidade, através de sucessivos encontros e reuniões, permitiu-nos o diagnóstico.

A partir das falas e das atitudes das mulheres, bem das possibilidades de apoio institucionais, o projeto foi sendo construído e dialogado com a direção da escola e lideranças comunitárias.

A proposta inicial era de atender aproximadamente 200 mulheres, capacitando-as com oficinas de alimentação e cursos sobre associativismo, num total de 12 oficinas no ano. Cada grupo teria duração de 01 mês, isto é, 04 sábados e 04 encontros semanais à noite. Os critérios de seleção das mulheres implicam em ter filhos, não ter atividade econômica, estando comprometidas em multiplicar o aprendizado a outros grupos.

A produção alimentar implica a elaboração de doces, salgados e pratos com aproveitamento alimentar. As vendas seriam organizadas pelas próprias participantes da oficina, dentro da escola. A renda seria revertida para a escola, que serviria para subsidiar os ingredientes de cada aula da oficina.

1.2.3.2.1.1. Objetivos

- Objetivo Geral:
 - O projeto Oficina de Alimentação propõe fortalecer e contribuir na articulação e integração das mulheres, moradoras da Vila dos Sargentos, favorecendo ações coletivas voltadas à produção alimentar, geração de renda e qualidade de vida.

- Objetivos Específicos:
 - Incentivar a articulação entre os moradores, na busca de alternativas para melhores condições de vida e geração de renda;

- estimular a criatividade, o conhecimento existente na comunidade e o empreendedorismo;
- possibilitar a construção do conhecimento relativo à produção alimentar e enriquecimento nutricional.

1.3.2.1.2. Resultados esperados

- Ao final do projeto, obter o envolvimento de aproximadamente 200 mulheres.
- Despertar o interesse das participantes pelo coletivo, incentivando a articulação, entre as mulheres, para serem multiplicadoras do projeto para os próximos encontros.
- Aplicar o conhecimento adquirido para venda dos produtos produzidos.
- Fortalecer o envolvimento e parceria da comunidade com a Escola, usufruindo dos recursos oferecidos por ela.
- Fortalecer e aproximar as associações de moradores.

1.3.2.2 Execução

1.3.2.2.1 Processo de recrutamento das participantes

As mulheres que integram a experiência fazem parte da comunidade escolar, já participando de oficinas do Programa Escola Aberta. A proposta da Oficina foi apresentada nas duas turmas de artesanato, nos turnos manhã e tarde.

Através de um cartaz, apresentamos de forma dialogada, os objetivos e o desenvolvimento da proposta. Como os dias e os horários estavam abertos para definição, as mulheres colaboraram na construção do cronograma, reforçando o interesse na montagem e desenvolvimento da proposta. Ao final do espaço de 30 min, que nos foi propiciado, passou-se uma lista para registro das interessadas, totalizando 06 participantes.

Após a primeira oficina, outras mulheres tomaram conhecimento da atividade e se interessaram, manifestando ao Diretor o desejo de participar do segundo encontro.



1.3.2.2 As participantes

As integrantes do projeto foram sendo envolvidas gradativamente no transcorrer das oficinas.

A idade média das mulheres é de 35 anos, caracterizando-se por afro-descendentes e brancas, com uma renda mensal de aproximadamente R\$ 100,00, através de bolsa-família e vale gás.

No primeiro encontro, participaram 05 mulheres e no segundo encontro, mais 04 participantes, influenciadas pelos comentários que ouviram ao longo da semana, e que lhes despertou interesse.

Integrante	Escolaridade Ensino Fundamental
A	1ª série
B	4ª série
C	3ª série
D	7ª série
E	8ª série
F	7ª série
G	8ª série
H	4ª série
I	7ª série

1.3.2.2.3 Nome do projeto

Este nome foi sendo construído gradativamente. Primeiramente, chamou-se “Oficina de Alimentação”. Ao integrar o curso do Sebrae, Juntos somos fortes e, perceber o envolvimento e crescimento de participação das mulheres, agregamos o “Juntas somos fortes”, pois era o sentimento que começava a desabrochar entre as participantes.

1.3.2.2.4 A capacitação

Em fevereiro/2006, houve a capacitação de duas mulheres integrantes da Vila, indicadas pelo Diretor da escola, para que se capacitassem junto à Cooperbom, no intuito de serem as multiplicadoras da primeira turma da Oficina de Alimentação.

Ao retomarmos em março, soubemos que uma das mulheres participantes da capacitação havia conseguido emprego, e a outra, não se sentia segura para multiplicar sozinha. Em conjunto com a direção da escola, decidiu-se convidar a equipe da Cooperbom para ministrar a primeira turma, recebendo ajuda de custo, através da escola e todos os ingredientes de que necessitariam.

A primeira turma, constituída de 09 mulheres, participaram da atividade de março a abril, em virtude de feriados que interferiram no cronograma e nas atividades da Escola.

As aulas da Oficina de Alimentação foram realizadas aos sábados (25/03, 01, 08 e 29/04). A cada encontro, havia uma intermediação nossa, técnicas em gestão social, assessorando o projeto junto à Escola, para que providenciasse os ingredientes, desse os recados necessários às mulheres, tais como levarem aventais, usarem tocas... Para que o trabalho transcorresse normalmente, precisávamos dar esse suporte, cuidando de todas as combinações e detalhes junto à Direção da escola, ao mesmo tempo que deixávamos claro que era apenas uma assessoria.



Desde o primeiro dia de oficina, as pessoas que participavam das outras atividades do Programa Escola Aberta, que ocorria simultaneamente na escola, professores, alunos e pais, interessavam-se por comprar os produtos da oficina, pois o aroma dos salgadinhos e doces, atraía clientes. As mulheres definiam a cada aula, uma dupla para atender seus fregueses, pois perceberam que ao manusearem dinheiro, não poderiam lidar na cozinha.

Muitas das mulheres, embora vivendo na mesma Vila, não se conheciam, transformando a Oficina também num ponto de integração e troca de experiências, já que todas de alguma forma traziam conhecimentos culinários e sugestões/dúvidas para aprimorar os produtos que eram ensinados. A cada aula, relatavam o que haviam feito em suas casas ou até mesmo para vender, a partir do que havia sido aprendido na aula anterior.

Em virtude de feriados, entre a terceira e quarta aula, ocorreram dois sábados sem aula, sendo que em um deles foi a comemoração do aniversário do Programa Escola Aberta. Pelo sucesso que as mulheres vinham fazendo com seus salgadinhos, a escola definiu que seus produtos seriam oferecidos na festividade da escola., fazendo com que as mulheres se

sentissem reconhecidas e com responsabilidade frente a escola e aos visitantes, como Secretaria Estadual de Educação.

Para a quarta e última aula, foi solicitado às participantes que separassem em suas casas, talos, folhas e cascas, pois seriam aproveitadas em receitas. Isso levou a uma certa resistência no início, pois desqualificavam esse tipo de alimentação, como se fossem sobras sem valor algum, mas ao mesmo tempo, uma das mulheres, Integrante A, ao comentar que já havia feito um curso desses materiais e que era muito bom, a resistência da maioria diminuiu. Então, na aula seguinte, foram feitos vários aproveitamentos alimentares e com surpresas agradáveis às participantes e ao público cliente das mesmas, principalmente a pizza de talos e doce de abóbora e cenoura.

Ao final desta última aula, atendendo solicitação das participantes, todas receberam o caderno das receitas produzidas durante as aulas, com o título do projeto “Oficina de Alimentação: Juntas somos Fortes”, agregando os logotipos das instituições que apoiavam até aquele momento.

Paralelo às aulas da Oficina de Alimentação, durante três noites, em semanas alternadas, de março a abril, as participantes complementaram a capacitação, com o curso “Juntos somos Fortes”, proporcionado pelo Sebrae, através de uma das professoras, da própria Escola Custódio de Mello.



Esses encontros ficaram abertos a outros interessados além da Oficina de Alimentação, como de artesanato e aos familiares.

As aulas eram baseadas em um vídeo, como capítulos de novela e analisados em cartilha paralela. Durante as aulas, percebia-se inquietação e risadas em alguns momentos e outros de profundo silêncio, pois os diálogos e as atitudes dos personagens retratava muito da

cultura local, isto é, a competição por buscar cada um o melhor espaço de venda, a persistência em trabalhar em conjunto, os parceiros das mulheres que as desencorajavam na busca de atividade econômica, entre outros aspectos.

Embora programado para ocorrer em quatro noites, ocorreu em três, sendo ampliado o horário em cada dia a pedido das mulheres. As que perdiam algum capítulo do vídeo, chegando atrasadas, organizavam-se para estar mais cedo no dia seguinte, para não perder o desdobramento das aulas.

1.3.2.3 Avaliação

O projeto previa que no primeiro grupo ocorresse a integração e capacitação entre as mulheres e que elas mesmas ministrassem a oficina para um próximo grupo, encorajando-as a se articularem em busca de um trabalho conjunto de alimentação, enquanto atividade econômica e outras conquistas para a comunidade, como a creche que é uma necessidade dessa comunidade.

Mas, no desdobrar dos encontros, percebíamos que demonstravam insegurança, timidez e a ausência do desejo de compartilhar o que aprenderam. A preocupação maior era o retorno imediato, isto é, aprender e vender por conta própria, alimentadas pelo sentimento de competição para conquistar mais espaços nas vendas individualizadas, principalmente as Integrantes A e D, uma vendia lanches na escola aos finais de semana e a outra, vendia durante a semana, além de percorrer toda a vila.



Isso fez com que buscássemos o apoio de representantes do Fórum de Economia Solidária, demonstrando as oportunidades e ganhos possíveis com ações articuladas em grupos, entre elas: maior capacitação para contabilidade, espaço para feiras, associativismo...

Para reflexão sobre a primeira experiência em grupo e ajudá-las a olhar o que estava ocorrendo, convidamos as mulheres que participaram da Oficina de Alimentação para uma reunião. Algumas participantes do artesanato, que assistiram ao curso do Sebrae, ao saberem, também desejaram participar. Envolvemos também todos os que colaboraram conosco: diretor da Escola, instrutoras da Cooperbom, professora que ministrou o curso do Sebrae e representante do Fórum de Economia Solidária, que lhes esclareceu sobre os espaços que são oportunizados a grupos que se organizam nas comunidades. A representante da Economia Solidária, convidou-as a participarem do encontro mensal, que ocorreria na Prefeitura, para conhecerem outros grupos.

A reunião ocorreu em 11/05, às 19h30min, com expressivo número de participantes, inclusive a Assistente Social, do bairro Guarujá, que tomou conhecimento da experiência e demonstrando interesse em conhecer, foi convidada por uma das participantes, integrante A e que foi aceito de forma orgulhosa pelas demais integrantes, pois suas experiências estavam tendo repercussão mais distante do que imaginavam.

No primeiro momento da reunião, as mulheres foram convidadas a relatar suas percepções e sentimentos sobre a experiência vivida em grupo:

Integrante D – muito bom, estou feliz e satisfeita. Perdi 07 kilos e baixou meu colesterol. Estou trabalhando muito e vendendo em toda a Vila.

Integrante A – eu já estou vendendo no pátio da minha casa junto com artesanato.

Integrante F – foram importantes as relações de amizade e de ajuda, por exemplo uma das colegas ficou doente e fomos visitar. Eu quero fazer uma banquinha para vender meus produtos.

Integrante G – eu nem conversava com minha vizinha e agora a gente trabalha junta e dá risada.

Diretor – a escola sempre está aberta e o que vocês falam mostra a força que se tem. Deram lições para suas famílias.

Representante do Fórum de Economia Solidária – Comentou de sua experiência e o envolvimento com o Fórum de Economia Solidária, os espaços para grupos organizados poderem vender e divulgar os trabalhos.

Representante da Cooperbom – retomou a história da Cooperbom, as vantagens de participar das feiras, principalmente para divulgar os trabalhos. Que trabalhar em grupo não é um mar de

rosas, pois as pessoas pensam diferente, mas dá certo, dá muita satisfação, a força e as conquistas são maiores.

Aos questioná-las o que fazer daqui pra frente, com tantas conquistas, responderam:

Integrante H – as pessoas não valorizam para comprar aqui. Eu faço um trabalho bem feito de artesanato, mostrou um lindo bandô, mas não tem quem compre. Das pessoas encomendarem, não pagarem ou pagarem muito pouco.

Integrante D – lembrou do vídeo, que tem que pedir uma parte do valor adiantado para poder comprar material e tem que calcular bem o valor do produto.

Represente do Fórum de Economia Solidária – elogiou as conquistas do grupo, o espaço e apoio que já possuem na escola, dizendo que elas têm muito perto de outros grupos. Convidou-as a participar do Fórum, dia 25/05, 19h, no 14º da Prefeitura, para conhecerem como funciona e verificarem a possibilidade de se organizarem para terem mais assessoria para preços, organização... As mulheres gostaram e manifestaram interesse em ir. A escola comprometeu-se em ajudá-las no deslocamento para quem tivesse disponibilidade.



Paralelo à reunião, o diretor da Escola, providenciou uma solenidade de formatura, que fosse um marco da capacitação delas, valorizando a caminhada frente aos familiares. Na mesma noite da reunião de avaliação, às 20h30min, foram entregues certificados a todas as mulheres que participaram da Oficina de Alimentação e do Curso Juntos Somos Fortes/Sebrae. A mesa da solenidade foi composta por todas as pessoas/instituições que colaboraram no projeto até o momento. Após a entrega dos certificados, as mulheres formandas surpreenderam o público, seus familiares com um coquetel feito por elas, subsidiado pela Escola.



Assim, o projeto foi readequado, ao invés de seguirmos fazer sucessivas turmas de capacitação em alimentação e noções de associativismo, optamos em investir no fortalecimento da primeira turma, para que conhecessem mais experiências de cooperativismo e associação, incentivando-as a experimentarem essa prática. À medida que percebessem êxito, a médio e longo prazo, talvez ocorressem outras oficinas, com fundamentação mais solidária.

Entre os intercâmbios que foram oportunizados, está a participação do Fórum de Economia Solidária. Embora, em 25/05, às 19h, na Prefeitura, a escola tenha oferecido passagem para cinco mulheres irem a esse evento, apenas a integrante D esteve presente. Mesmo com sua convicção em trabalho individual, demonstra o interesse em conhecer o contexto da economia solidária e o universo de informações de que necessitava para formar seu empreendimento.

Ao conversar com o diretor da Escola, percebemos que necessitávamos de buscar envolver mais as mulheres, não julgando as justificativas que apresentavam em não ir no Fórum anterior (maridos não deixaram, dificuldade em deixar os filhos com alguém...). Então, decidimos oferecer-lhes uma visita a Cooperbom, dessa forma poderia ver concretamente como funciona uma cooperativa e conversar com suas associadas.

Então ocorreu outro intercâmbio, em 10/06, houve a visita à Cooperbom. Desta vez, participaram da atividade 03 integrantes do curso de Oficina, 01 de artesanato e uma colaboradora da comunidade, no Programa Escola Aberta.

A visita foi muito produtiva, pois o diálogo aberto da equipe da Cooperativa, fez com que olhassem para forma como estão agindo e começassem a se abrir lentamente: receios do

trabalho em grupo, como buscar ajuda, questionamentos sobre preço, necessidade de assessoria na parte de contabilidade e etc. Foram recepcionadas com muito carinho, inclusive com coquetel.

No retorno à Vila, ainda no carro, nos diálogos que se estabeleciam, percebíamos o desejo de libertarem-se de amarras e conquistar novos espaços, causando nas últimas semanas até alterações na vida pessoal, em falas de confidência entre elas, como o caso da separação de um dos companheiros, que não deixava que participasse de eventos para capacitação entre outras questões. Mas, ao mesmo tempo, questionavam-se de como seguir em frente, se careciam de informações contábeis e de efetiva organização. Trocaram idéias e decidiram os próximos passos: agendariam uma conversa com a Assistente Social da Região – Módulo I, e nós, a técnicas que as assessoravam, pesquisariamos sobre outro curso do Sebrae, agregando a visão de gerenciamento do negócio e verificaríamos a possibilidade de visita ao Restaurante Popular (ligado a Central de Economia Solidária). Percebemos que era importante o contato direto entre todos nós, não aguardando pela direção da escola, o comunicado de informações novas ou combinações futuras, mas poderem se articular simultaneamente, mantendo o diálogo com a escola. Isso fez com que trocássemos os números de telefone entre todas. Após esses novos dados levantados, voltaríamos a conversar com o diretor da escola para conseguirem uma sala, a fim de se organizarem e tentarem atuar mais em grupo, embora a integrante Dopte em trabalhar individualmente.



Em 28/06, o grupo reuniu-se com 9 participantes, mais a direção da escola, trocando informações que foram pesquisadas. Em relação ao curso do Sebrae, obteve-se apoio para realização do “Aprender a Empreender”, seguindo o modelo do curso anterior, que não agregaria custos, isto é, aproveitando a professora da escola como multiplicadora. Em relação ao contato com a Assistente Social, essa disponibilizou-se a colocá-las em contato com grupos que dão apoio técnico e financeiro ao cooperativismo.

Ao longo da reunião, perceberam a necessidade de usarem um quadro para se comunicarem, facilitando que as informações entre elas circulem com mais agilidade, não ficando centralizadas no diretor da escola. A direção disponibilizou espaço e o quadro de avisos. Definiram também, que irão fornecer um coquetel no dia de homenagem aos pais na escola, divulgando o trabalho oficialmente na comunidade, inclusive com folheto. O material de divulgação será elaborado na escola.

A reunião para organizar o evento ficou agendada para 03/07. Nessa mesma reunião, inicia a formação de um conjunto de normas para o funcionamento do grupo, o primeiro passo para o estatuto.

1.3.2.4 Quadro de Metas

“O quadro de metas é a parte essencial de uma proposta. É local onde os objetivos específicos se traduzem em ações e resultados” (Stephanou, 2003, p.61).

Apresentamos o quadro de metas proposto para desenvolvimento do projeto, demonstrando com maior clareza e objetividade as ações e monitoramento. Além disso, o quadro de metas permite expressar o amadurecimento da implementação do projeto, pois destacamos necessitamos rever etapas/atividades conforme a dinâmica do grupo. Esses momentos de readequação são destacados em negrito, para facilitar a identificação e compreensão.

Quadro de Metas – Diagnóstico e Elaboração do Projeto

Etapas	Atividades	Metodologia	Indicadores	Recursos físicos	Prazo
I. Diagnóstico	1.1 Reunir moradores, confirmando o interesse de conhecer experiências de cooperativas.	Divulgação através da escola e das associações de moradores.	Nº participantes (participaram 08 pessoas)	Papel, micro e impressora, sala e cadeiras.	Out/2005
	1.2 Promover o intercâmbio dos moradores com cooperativas.	Divulgação através da escola e das associações de moradores.	Nº participantes (participaram 23 pessoas)	Ônibus, lanche, sala e cadeiras.	Out/2005
	1.3 Verificar o desdobramento do interesse de ação coletiva, pelos moradores	Em reunião com diretor da escola e líderes comunitários e equipe técnica	Nº participantes (participaram 06 pessoas)	Ônibus, sala e cadeiras.	Nov/2005
II. Elaboração do projeto	2.1 Estruturar aspectos básicos do projeto.	Intercâmbio semanal entre técnicas, diretor da escola, moradores e líderes comunitários.	Troca de informações em encontros e telefones.	Ônibus, telefone, sala e cadeiras.	Nov e Dez/2005
	2.2 Analisar o projeto em conjunto com os moradores.	Em reunião, convocada pela escola e associação de moradores.	Nº de participantes	Ônibus, lanche, sala e cadeiras, cartazes, canetas e papéis.	Dez/2005
	2.3 Adequar projeto conforme interesses /necessidades expressadas .	Em reunião entre a equipe técnicas.	Preocupações expressadas pelos moradores	Micro e impressora, sala e cadeiras	Jan/2006

Quadro de Metas – Execução

Etapas	Atividades	Metodologia	Indicadores	Recursos físicos	Prazo
III. Execução	3.1 Identificar os recursos e monitoras para o 1º grupo de Oficina Alimentação.	Em reunião com moradores, líderes comunitários, diretor da escola e técnicas	Participação na seleção de materiais e pessoas.	Ônibus, sala e cadeiras, cartazes, canetas e papéis.	Jan/2006
	3.2 Capacitar as 1ªs monitoras em receitas de aproveitamento alimentar e enriquecimento nutricional.	Em curso de 08h, oferecido pela Cooperbom.	Participação e multiplicação do conhecimento.	Ônibus	Fev/2006
	3.3 Reavaliado o item anterior, contatar com equipe da Cooperbom para ministrarem 1ª turma.	Em 04 sábados, sendo subsidiadas pela escola.	Participação, produção e venda de salgados e doces na escola.	Cozinha, ingredientes, tocas e aventais.	Mar/2006
	3.4 Divulgar o início das Oficinas de Alimentação junto `a comunidade	Incluir na programação do Escola Aberta.	Inscrições de no mínimo 12 mulheres.	Cartazes	Mar/2006
	3.5 Realizar a oficinas de alimentação aos sábados, pela manhã, na escola.	Aulas práticas com demonstrações, usando diálogo aberto e discursivo.	Conhecimento e prática da produção alimentar.	Cópias de receitas, material de limpeza, utensílios domésticos, alimentos e cozinha.	Mar/2006 a Mar/2007 (Mar e Abr/2006)
	3.6 Vender os produtos no mesmo dia da Oficina, nos intervalos da Escola Aberta – meio dia e à tarde.	Organização de feira, expondo os produtos.	Conhecimento do trabalho de venda solidária, para retorno da oficina.	Pratos, guardanapos, pelotines, copos, bandejas.	Mar/2006 a Mar/2007 (Mar e Abr/2006)
	3.7 Realizar encontros semanais, noturnos, com temas complementares às oficinas.	Exposição dialogada e vivencial.	Interesse e participação no mínimo 75%.	Cópias de textos, material escolar, lanche, sala e cadeiras	Mar/2006 a Mar/2007 (Mar e Abr/2006)

Obs.: a necessidade de fortalecer a primeira turma quanto a noção de associativismo e reflexão de alternativas de geração de renda em conjunto, fez com que fosse adiado a realização de novas turmas. Integrou-se ao planejamento mais práticas de intercâmbio com a participantes.

Quadro de Metas – Execução

Etapas	Atividades	Metodologia	Indicadores	Recursos físicos	Prazo
III. Execução	3.8 Promover a participação das mulheres no Fórum de Economia Solidária.	Em reunião conjunta com participantes e colaboradores do projeto.	Participantes interessadas e envolvimento na reunião.	Folhetos sobre o assunto	Maio/2006
	3.9 Participar do Fórum mensal de Economia Solidária	Em 25/05, a convite dos realizadores.	Nº de participantes e troca com outros grupos do evento.	Passagens para deslocamento.	Maio/ 2006
	3.10 Visitar a Cooperbom.	Em 10/06, a convite da Direção da escola.	Nº de participantes e o intercâmbio de informações com a instituição.	Carro para deslocamento.	Jun/ 2006

Quadro de Metas – Avaliação

Etapas	Atividades	Metodologia	Indicadores	Recursos físicos	Prazo
IV. Avaliação	4.1 Avaliação por grupos de oficinas	Acompanhamento mensal das oficinas e dos encontros complementares.	Expectativas atendidas e o envolvimento de participantes dos grupos anteriores enquanto monitoras dos grupos seguintes.	Material escolar e fichas de avaliação	Mar/ 2006 a Mar/ 2007 (Mar e Abr/ 2006)
	4.2 Envolvimento e mobilização das participantes em outras ações coletivas da comunidade.	Intercâmbio constante com diretor da escola e líderes comunitários, quanto a mobilizações da comunidade.	Nº de reuniões e de participantes na comunidade. Interesse por ações coletivas.	Material escolar.	Mar/ 2006 a Mar/ 2007 (Mar e Abr/ 2006)

Obs: de igual forma, o prazo das atividades de avaliação foram readequadas pelo adiamento das turmas.

1.4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia participativa possibilita o envolvimento de todos os atores sociais, comunidade, pesquisadores e instituições colaboradoras, pois tem origem num ambiente de democratização das relações entre ações sociais e seus usuários.

Sendo assim, a pesquisa participante foi o método adotado, favorecendo a aproximação e o engajamento com a comunidade nas visitas, nas reuniões, nas ações coletivas, nas oficinas, potencializando a mobilização das pessoas para busca de novas alternativas para o desenvolvimento local.

1.5. RECURSOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Ao considerarmos o espaço e os recursos físicos utilizados nessa experiência-participativa, identificamos os materiais permanentes e de consumo que a escola disponibilizou:

- Sala de aula com tv e vídeo, computadores, impressoras, telefone, fax, fotocopadora, sanitários, espaço para exposição e venda dos produtos e cozinha completa: geladeira, fogão, forno, batedeira, liquidificador, pratos, formas, talheres, panelas, bacias, jarras, garrafas térmicas e água. Sala de aula: quadro, giz, classes e cadeiras.
- Recursos humanos: diretor, professores e cozinheiras do quadro efetivo da escola, bem como voluntários do Programa Escola Aberta e mobilização de agentes de saúde.
- Recursos financeiros, a escola por ter integrado a oficina dentro da Programação da Escola Aberta, dispôs de bolsa auxílio para investir na atividade, podendo assumir a ajuda de custo para instrutoras da Cooperbom e a aquisição de ingredientes para cada aula da Oficina, ao mesmo tempo que era ressarcida pela venda dos produtos pelas mulheres, ao final de cada aula. A primeira turma totalizou o investimento de (90,00 passagens da Cooperbom + 40,00 para deslocamento das mulheres em curso, reuniões + 150,00 em ingredientes = 280,00)

1.6 ARTICULAÇÃO FUNCIONAL E FONTES DE FINANCIAMENTO

- Escola Estadual Custódio de Mello - A escola atua como financiadora, pois oferece: a estrutura básica de sala de aula e cozinha para desenvolver a capacitação das mulheres; os ingredientes, sendo que a cada aula da oficina, os produtos produzidos são vendidos pelas mulheres, que ressarcem a escola no investimento dos ingredientes, subsidiando os materiais da aula seguinte; fornece deslocamento e contribuição para as instrutoras, da Cooperbom, ministrarem as aulas da oficina.
- Associação de Moradores – os moradores têm representatividades através das seguintes associações/presidências: Associação dos Moradores da rua A e Amigos da Rua A; Associação dos Moradores da Vila dos Sargentos; Associação de Moradores da Comunidade Santa Cruz. A associação de moradores da Vila dos Sargentos tem um grande papel, podendo articular com a escola o desenvolvimento das atividades como divulgação, parcerias com os estabelecimentos da comunidade para venda dos produtos, cedência de espaços nas associações para encontros e reuniões.
- Cooperbom – Cooperativa Mista de Trabalho e Produção Bom Samaritano – atua a sete anos no ramo de serviços gerais e produção alimentar, na região metropolitana de Porto Alegre. Possibilitará a vinda dos instrutores para ministrar as aulas de produção alimentar, também trazendo para o grupo experiências e conhecimentos sobre empreendedorismo e planejamento, trabalho em equipe e gestão do negócio.
- Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio as Micros e Pequenas Empresas, oferecendo material didático e instrutores capacitados para trabalhar temas como empreendedorismo e trabalho associativo. www.sebrae.com.br
- Posto de Saúde - articulada à Secretaria Municipal de Saúde, colabora na divulgação das oficinas e na mensuração dos dados quantitativos e qualitativos.
- Fórum de Economia Solidária - articulação entre três segmentos do movimento de ES: empreendimentos solidários, entidades de assessoria e fomento, e gestores públicos. A sua principal instância de decisão é a Coordenação Nacional, que consiste nos representantes das entidades e redes nacionais de fomento (GT Brasileiro), além de 3

representantes por estado que tenha um Fórum ou Rede Estadual de Economia Solidária. Destes 3 representantes por estado, 2 são de empreendimentos e 1 é assessor ou gestor público. No Fórum, através de reuniões mensais, oportunizam-se aos grupos formais e informais, atividades econômicas baseadas em princípios da Economia Solidária: representa práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular; busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios; busca outra qualidade de vida e de consumo, e isto requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.

1.7 SITUAÇÃO NORMATIVA E LEGISLAÇÃO PERTINENTE

A legislação que respalda o desenvolvimento do projeto, está relacionada ao Programa Escola Aberta :

RESOLUÇÃO/CD/FNDE/N.º052, DE 25 DE OUTUBRO DE 2004

Dispõe sobre a criação do Programa Escola Aberta: Educação, Cultura, Esporte e Trabalho para a Juventude.

http://www.fnde.gov.br/home/legislacao_manuais/escola_aberta/res052_25102004.pdf

2. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA

2.1 COM RELAÇÃO AOS RESULTADOS

O projeto visava a desencadear o envolvimento de aproximadamente 200 mulheres, em turmas consecutivas de oficinas, capacitando-as e mobilizando-as para um trabalho de associativismo. No transcorrer da primeira turma, percebeu-se que além da capacitação e das noções de associativismo, é necessário mais tempo para as mulheres conhecerem-se, tanto a si mesmas como as colegas, refletindo sobre a abrangência do associativismo e as implicações individuais e coletivas.

Além disso, a escola, que subsidia o projeto, tinha atividades paralelas e um ritmo próprio de funcionamento, que necessitaríamos conciliar com o desdobramento do projeto. Logo, o tempo da primeira turma foi ampliado, servindo para reavaliar as estratégias de continuidade: seguiríamos capacitando outras turmas mulheres, como uma linha de produção, ou fortaleceríamos as 09 participantes da primeira turma, para que desdobrassem de forma segura os conhecimentos em atividade econômica, para que mais tarde, essa experiência já com credibilidade nos resultados, agregasse mais mulheres em oficina e talvez, numa associação de produção alimentar.

Para analisarmos os resultados conquistados pelo projeto, é importante fazermos um paralelo do que foi idealizado no seu processo de elaboração e as ações concretas desencadeadas, ou seja, os objetivos do projeto propriamente ditos e seus resultados.

- *Incentivar a articulação entre os moradores, na busca de alternativas para melhores condições de vida e geração de renda;*

Ao considerarmos:

- a participação crescente das mulheres nas aulas de oficina de alimentação, nos sábados, pela manhã (p.12);

- a responsabilidade de assumir o lanche da escola no evento de aniversário do Programa Escola Aberta (p.15);
- a organização que estabeleceram individualmente para poderem assistir o curso “Juntos somos fortes”, dentro da sua jornada de trabalho e suporte familiar, nas quintas-feira, à noite; ainda quanto a esse curso, a combinação em grupo, de flexibilizarem-se nos horários, permitindo que os que perdiam algum capítulo do vídeo, assistissem antes de começar a aula com todos do grupo (p.17);
- a iniciativa de pequeno grupo, em que algumas recém se conheciam para visitar uma das colegas doentes (p.18);
- o depoimento das participantes, na reunião de avaliação, ao comentarem como estavam se sentido: diminuíram de peso, o colesterol baixou, satisfeitas... (p.18)
- a preparação conjunta do coquetel de formatura (p.19).

entendemos que está exemplificando a mobilização das pessoas, em nível individual, pequenos grupos até grande grupo, na conquista de bem-estar, de qualidade de vida e de geração de renda.

➤ *Estimular a criatividade, o conhecimento existente na comunidade e o empreendedorismo;*

Ao considerarmos:

- na etapa de diagnóstico e elaboração do projeto, o primeiro intercâmbio com diferentes experiências de associativismo e cooperativismo, despertando nas lideranças da Vila o desejo de repetir a experiência em uma noite na escola, para que mais pessoas pudessem ouvir e participar (p.09);
- ainda na etapa de diagnóstico e elaboração, as reflexões sobre ações coletivas possíveis e o contexto da Vila dos Sargentos, no relato de experiências ocorrido na Vila. As mulheres, que estavam em maior número, concordam que é possível experimentar algo coletivo, identificando-se com a cooperativa de alimentação (p.10);

- a organização das mulheres a cada dia de oficina, para que pudessem confeccionar produtos e ao mesmo tempo atender clientes. Ao perceberem que não poderiam fazer simultaneamente estas tarefas, definiam duplas para lidar com o dinheiro, uma apoiando a outra em cálculos, pois algumas tinham limitações para isso (p.15)
- as reflexões provocadas durante as aulas do curso “Juntos somos Fortes”, resgatadas pelas próprias mulheres, na reunião de avaliação, ajudando-as a enxergar suas atitudes (p.16 e 17)
- a organização e a articulação, embora individual, das integrantes A e D, iniciando a venda de seus produtos e negociando espaços de venda (p.17)
- a participação no Fórum de Economia Solidária e visita à Cooperbom, levando-as a buscarem apoio da Assistente Social da região e demandarem o auxílio por mais um curso do Sebrae, focado em gestão do negócio (p.21 e 22)

retrata a abertura progressiva das mulheres para novas reflexões, olhar para sua realidade, experimentarem-se em novos papéis e perceberem possibilidade de negociação seja de opiniões, de valores dos produtos, de espaço de atuação e etc.

➤ *Possibilitar a construção do conhecimento relativo à produção alimentar e enriquecimento nutricional.*

Ao considerar:

- a troca de sugestões durante a confecção dos produtos, durante a Oficina, a partir de conhecimentos que já tinham de culinária (p.15);
- a confecção posterior de produtos aprendidos na Oficina, nas próprias residências das mulheres, seja para consumo da família, seja para venda (p.15);
- o melhor aproveitamento alimentar (folhas, talos e cascas), a partir da Oficina, tanto para consumo em casa, como para venda (p.16);

- a compilação das receitas em um caderno, a pedido das participantes (p.16);

percebemos que além de apropriarem-se de novos conhecimentos culinários, integraram ao seu cotidiano e algumas das participantes, transformaram em atividade econômica para integrantes da comunidade escolar (alunos, professores, oficinairos e pais), bem como para moradores da Vila em geral, compartilhando esse enriquecimento nutricional aprendido.

2.2 COM RELAÇÃO AO MODELO PROPOSTO E À PRÁTICA POLÍTICA

A experiência enquanto aprendiz foi desafiadora, no sentido de: construir vínculos com uma comunidade que se desconhecia completamente; considerar o contexto de conflito existente na Vila, já que possuía 03 associações desarticuladas e mais uma em formação; criar laços de confiança; respeitar as necessidades e os desejos de emancipação, traduzidos em estratégias do projeto; manter-se no papel de assessoria, embora o movimento constante fosse que coordenássemos e assumíssemos responsabilidade pelo projeto, tanto por parte da escola como das participantes.

Esse relato é fruto de uma interação aproximada de 12 meses com a comunidade, considerando desde o período de aproximação com os moradores, estudando os caminhos que iríamos seguir até os primeiros passos dados pela primeira turma de mulheres capacitadas em alimentação. Conforme Guareschi (2005, p.12), *“É importante ao se empreender uma viagem, ter claro o caminho por onde se quer seguir: de onde se parte, por onde se vai passar e onde se quer chegar.”*

Nessa viagem, o mapa foi lido gradativamente, mas nos utilizamos de bússolas e sensibilidade do olhar e do sentir, isto é, de recursos técnicos e pessoais para não nos perdermos.

Na realidade, percebemos agora que não eram somente caminhos para o projeto, mas era uma tomada de consciência conjunta de caminhos de libertação de atitudes e pensamentos cristalizados.

No livro *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo Freire (1982), afirma que a atividade de agentes sociais deve guiar-se por uma prática libertadora, evitando três tentações: o *autoritarismo* – julgar-se sabedor da verdade, impondo-a sobre as pessoas como se fossem tábuas rasas; o *basismo* – os únicos portadores da verdade seriam as pessoas, o povo, apenas promovendo esse conhecimento; o *espontaneísmo* – onde não se interfere nos processos sociais, e sim, aguarda-se um momento oportuno para que tenha uma situação madura para o processo de revolução.

Buscamos com esse projeto perseguir uma verdadeira prática libertadora, segundo a concepção de Freire (1982), de fazer perguntas que libertam, isto é, não dar respostas, dizendo como as coisas devem ser feitas, mas agregando informações, questionando, oportunizando intercâmbio e incentivando a mobilização de pessoas e grupos a agirem.

Para isso, independente dos espaços de atuação, seja com as instrutoras da Oficina, com o diretor e professores da escola, com as mulheres envolvidas no projeto e respectivos familiares, estarmos inseridas no papel de educadoras, no sentido de colocá-las numa situação inquietante, demonstrando que são atores do seu processo de aprendizado, de tomada de decisão e atitude para um fazer e ser diferenciado, daquilo que já não lhe faz mais sentido.

Na página 17, parágrafo 4º, o diálogo no retorno da visita à Cooperbom, retrata muito bem esse movimento interno de questionamento e a abertura ao diálogo entre as próprias mulheres, na busca de firmarem-se enquanto protagonistas de suas escolhas e vidas. Apóiam-se nas decisões tomadas, respeitam opiniões diferentes quanto a exercer a atividade econômica de forma individual ou em grupo e se esforçam por buscar ferramentas que as fortaleçam junto a Assistente Social e nova capacitação do Sebrae.

Esse movimento de desabrochar necessita o desejo das pessoas e não há um tempo que se estipule para isso. Se nós, técnicas em Gestão Social, fossemos rígidas no planejamento estabelecido, considerando o prazo para formação de cada turma nas Oficinas, não presenciáramos e vivenciáramos com as mulheres essas descobertas, esse aprendizado de potenciais, que passaram a servir de referência a outros grupos, como foi o caso da Assistente Social do bairro Guarujá interessar-se em presenciar a reunião de avaliação e a formatura, como narrado na página 14.

Entre os aprendizados como educadoras nessa experiência, estão a compreensão do contexto e da cultura local, o tempo necessário para intervenção e o tempo necessário para

resposta a essa intervenção, independente da resposta que seja, mas respeitando-a e convidando as pessoas a olharem como respondem.

Nessa reflexão, retomamos Freire (1982) quando se refere à teoria como um "contemplar". De fato, "contemplar" é uma expressão que tem profundo sentido pedagógico, ao fazer desse contemplar a cultura, o sujeito da educação, o fenômeno educativo e principalmente o ser humano e a sociedade. Essa reflexão que se faz do contexto concreto, parte das experiências do ser com a realidade na qual está inserido, cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade, no sentido de apropriar-se de um caráter crítico sobre ela.

Em nosso ideal, as mulheres fariam a oficina, estariam abertas ao trabalho conjunto, pois perceberiam com facilidade os benefícios e as conquistas proporcionadas com um grupo articulado. Mas, nos deparamos com os conflitos não só pessoais, mas da trajetória da própria Vila, 03 associações competidoras, que “prova vam” não dar certo algo coletivamente.

O desafio era: é possível mostrar que pode ser diferente? Para essa reflexão, muitos diálogos com as integrantes da Cooperbom, da representante do Fórum de Economia Solidária e o próprio material do Sebrae, impulsionou inquietação.

Agregamos aqui a concepção de ser humano e de relacionamento que estamos encharcados em nosso cotidiano. Guareschi (2005, p. 29) apresenta 04 cosmovisões, isto é, a visão que temos do mundo e influenciam nossos pensamentos, hábitos e atitudes.

COSMOVISÕES E SEUS ELEMENTOS

Coluna 1: Elemento de uma cosmovisão	Coluna 2: Liberalismo Individualista	Coluna 3: Comunitarismo Solidário	Coluna 4 Totalitarismo Coletivista
Concepção do Ser Humano	Indivíduo	Pessoa = Relação	“Peça da máquina”
Valores	Liberalismo Individualista	Solidarismo Amorismo Comunitarismo	Totalitarismo Coletivista
Tipo de Sociedade	Capitalismo liberal	Comunidade	Fascismos Nazismos
Condutas Relações	Individualismo Egocentrismo Competitividade	Solidariedade Cooperação Participação	Massificação Anonimato Burocracia

Fonte: Guareschi, Pedrinho (2005)

Voltamos nossa atenção para as colunas 2 e 3, enriquecendo nossa análise da experiência.

O primeiro passo dado por algumas participantes do grupo, foi empreender sua atividade econômica de forma individual, competindo por espaços, embora desde o início o que norteou a aproximação e a elaboração do projeto tenha sido associativismo e cooperativismo.

Segundo a perspectiva do Liberalismo Individualista, que permeia grande parte de nossa sociedade, compreendemos esse movimento de tudo convergir para o centro de nós mesmos, estando desatrelado dos outros.

Mas, esse endeusamento do indivíduo, faz com que esqueça que ele não é o único, que existem outros junto com ele. Ao seguir o mandamento da competição, “alguns” sempre vão sobrar, vão ser excluídos, além de se desperdiçar potencial mobilizador para novas conquistas, seja fortalecimento para negociação, espaço para divulgação de produtos, enquanto sujeitos articulados.

A concepção de um Comunitarismo Solidário, com princípio de investir na relação entre as pessoas, vai além do indivíduo e precisa ser praticado e vivenciado.

Acreditamos esse ser o esforço maior do projeto, pois ao concluirmos o programado para a primeira turma, a provocação era “O que fazer com essas conquistas individuais e em grupo?” “É possível fazer diferente?”. Para esse aprendizado, necessitava-se de experimentar ainda mais, tanto em relações entre as mulheres como com outros grupos.

Com essa perspectiva, Guareschi (2005) traduz o Comunitarismo Solidário como a cosmovisão que identifica todos como seres humanos autônomos e com isso tem a possibilidade de poder dizer sua palavra, expressar seu pensamento, manifestar sua opinião. E é através dessa participação como sujeito, que se consegue construir o seu espaço, seja um projeto de pequeno grupo, de melhoria na Vila, no bairro, na cidade ... Estamos baseados aqui na concepção de ser humano pessoa=relação, fundamentada em valores de partilha, diálogo, comunicação, cooperação, respeito às diferenças e à realização pessoal.

Acreditamos que o envolvimento e as decisões e atitudes tomadas por algumas integrantes do grupo, independente de serem individualistas ou mais solidárias, são legítimas e passaram por um processo de amadurecimento, que independente de nossa assessoria,

conquistaram base para dar prosseguimento a caminhada. Se fosse um processo baseado apenas em estímulos externos, que era a demanda inicial apresentada, provavelmente iriam gradativamente parando de responder aos estímulos externos de condicionamentos, premiações e dependência de informações.

Vivenciamos juntamente com essas mulheres da Oficina de Alimentação: Juntas Somos Fortes, uma processo de transformação, de libertação, de tomada de consciência do potencial e da responsabilidade sobre esse posicionamento frente a vida.

Sobre responsabilidade a partir da consciência, Guareschi (2005, p.20) considera:

Bem diversa é a prática em que a responsabilidade é pensada a partir da consciência, que leva a liberdade e que faz nascer daí a responsabilidade: tal responsabilidade vem de dentro, de convicções que se baseiam na compreensão do problema, que faz as pessoas tomarem consciência dos perigos a que estarão sujeitas e que as liberta de incompreensões, condicionamentos etc. que as deixam menos livres

Com esse movimento, entendemos que as mulheres passam a ensaiar-se em uma contracultura, isto é, uma nova cultura frente a que está instalada na Vila, indo além da experiência/relação material, algo que lhes dê sentido e legitime suas vidas. Sentiram-se integrantes na construção de um projeto, olharam e dialogaram sobre posicionamentos diferentes frente a proposta, algumas decidindo tomar caminhos diferentes seja em relação a capacitação fornecida pelo projeto, trabalhando de forma individual, seja revendo a vida pessoal e percebendo amarras que eram alimentadas pela mesma.

Para encerrarmos essa análise, ainda que provisoriamente, resgatamos o modelo de educação libertadora proposto por Freire (1982), em que a relação estabelecida entre “educador e educando” é horizontal, exigindo-se nesta troca, atitude de transformação da realidade conhecida. É uma educação conscientizadora, na medida em que, além de conhecer a realidade, busca transformá-la, ou seja, tanto o educador quanto o educando aprofundam seus conhecimentos em torno do mesmo objeto para poder intervir sobre ele.

Neste sentido, quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais as pessoas se sentirão desafiadas a buscar respostas, e conseqüentemente quanto mais incitadas, mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade. Esta relação dialética é cada vez mais incorporada na medida em que, gestores sociais e comunidades se fazem sujeitos do seu processo.

E se essa forma de fazer dessas mulheres foi repensada e avaliada, entendemos que perceberam que *Juntas São Fortes*, experimentando-se em formar novos conceitos, novas

práticas, nova cultura, não só a partir da dor, do sofrimento, mas da alegria de “receitas” novas, de descobertas, de perspectivas novas, onde elas terão o direito legítimo de escolher por onde seguir.

3. REFERÊNCIAS

ARMANI, Domingos. *Como elaborar projetos? Guia prático para a elaboração e gestão de projetos sociais*. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004.

BRAMDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. Ed. Brasiliense, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática libertadora*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

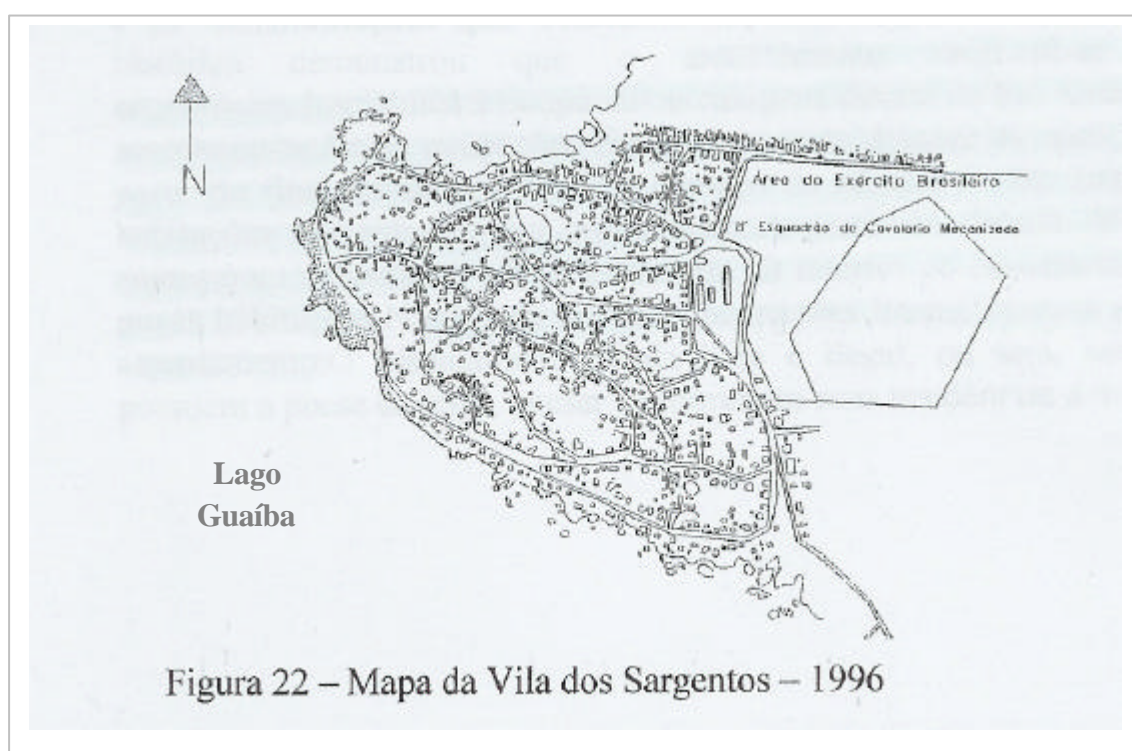
GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia social crítica: como prática da libertação*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 138 p.

MILANI, Carlos Sanchez et al. *Roteiro de sistematização de práticas de desenvolvimento local*. Salvador, CIAGS, 2005.

NUNES, Débora. *Pedagogia da participação: trabalhando com comunidades*. Salvador, UNESCO/Quarteto, 2002.

STEPHANOU, Luis et al. *Guia para elaboração de projetos sociais*. São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre/RS: Fundação Luterana de Diaconia, 2003.

ANEXO I - MAPA DA VILA DOS SARGENTOS



ANEXO II - DEPOIMENTO SOBRE AS MÃES

Antes, as mães pensavam que a escola não oferecia nada. Depois, nos finais de semana, à medida que as crianças pediam para ir à escola, perceberam que havia coisas novas que estavam aprendendo. Começaram a acompanhar os filhos e hoje além dos alunos, as famílias estão participando do Escola Aberta.

Entre as crianças e os jovens, havia preconceito em relação a participar das oficinas de danças, pois entendiam que era só para meninas. Hoje, ambos, meninos e meninas, participam e colaboram nessa atividade.

As atividades do Programa Escola Aberta incentivam o estudo, pois dizemos aos jovens, que para eles continuarem, precisam ir bem nos estudos.

Oficineira de dança e agente de saúde